

Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

Como citar este texto: MALULY, Luciano Victor Barros; LUCHT, Janine Marques Passini. Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 09, n. 02, pp.29-47, jul./dez. 2018.

Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly¹

Janine Marques Passini Lucht²

Recebido em: 2 de outubro de 2018.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2018.

Resumo

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência didática em radiojornalismo multiplataforma desenvolvida por meio de uma atividade integrada entre o ensino e a pesquisa, que foi aplicada junto aos alunos do curso de graduação em jornalismo da Universidade de São Paulo. O exercício possibilitou a utilização de ferramentas digitais além do áudio gravado, como inserções de imagens e textos ou mesmo de edições e transmissões ao vivo. Dentre os objetivos da pesquisa, havia a intenção de aproximar o mercado da academia, auxiliando os alunos na utilização das novas tecnologias, assim como de detectar o potencial e o conhecimento deles diante das plataformas digitais. Por meio da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1992), os pesquisadores puderam refletir sobre suas próprias ações, além de mobilizar os participantes na construção de novos saberes, de forma colaborativa.

Palavras-chave: Comunicação digital. Novas tecnologias. Radiojornalismo multiplataforma.

Introdução

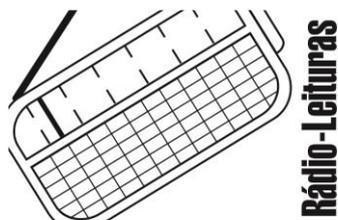
A discussão em torno das multiplataformas no radiojornalismo já é uma realidade, com muitas emissoras exibindo conteúdo em formatos muito além do áudio. Transmissões de programas e reportagens são realizadas conjuntamente em vídeo,

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e professor de Jornalismo, ambos na ECA-USP.

lucianomaluly@gmail.com

² Doutorado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, com Pós-Doutorado em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

janinelucht26@gmail.com



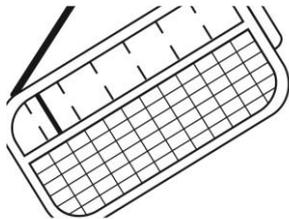
assim como as páginas disponíveis na internet, aplicativos e outras ferramentas disponibilizam diferentes formatos, com destaque para as imagens, especialmente fotografias, e os textos.

Apesar dos esforços de professores, alunos e auxiliares de ensino, ainda há certo distanciamento entre as emissoras e as formas de ensino em radiojornalismo, inclusive em grandes instituições, como a Universidade de São Paulo. Então, o que fazer para modificar a atual realidade do ensino superior em jornalismo, em que as disciplinas ainda não estão totalmente integradas, sendo oferecidas da mesma forma de como foram originadas, ou seja, por divisão dos meios (impresso, rádio, televisão, fotografia, planejamento/designer gráfico e/ou editorial, internet - online, web ou digital - etc.)?

Este artigo revela a aplicação pontual de um modelo de jornalismo multiplataforma na Universidade de São Paulo por meio de uma atividade didática integrada entre o Curso de Graduação em Jornalismo oferecido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da USP e a Pesquisa de Pós-Doutorado Radiojornalismo Multiplataforma – os desafios do meio em tempos de convergência, de Janine Marques Passini Lucht, vinculado à mesma escola, via Pró-Reitora de Pesquisa da USP e Comissão de Pesquisa da ECA-USP.

Por jornalismo multiplataforma compreende-se a união de estratégias editoriais e/ou comerciais para conseguir um melhor resultado conjunto (SALAVERRIA, 2014). Já o jornalista multimídia é um profissional que acumula diversas funções, que antes eram desempenhas por distintos funcionários de uma mesma empresa. Essa mudança só foi possível graças ao avanço da tecnologia, especialmente dos dispositivos móveis e da internet. Para Salaverria (2014:28), a polivalência dos jornalistas divide-se em três tipos:

- 1) polivalência mediática: quando um mesmo jornalista trabalha simultaneamente para distintos meios;
- 2) polivalência temática: quando o jornalista trabalha sem nenhuma especialização, como os correspondentes internacionais ou profissionais de pequenas redações;
- 3) polivalência funcional: relaciona-se ao conceito de multitarefa e alude àquele tipo de polivalência na qual um jornalista desempenha várias funções dentro da mesma redação. (SALAVERRIA, 2014, p.28)



Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

Por sua vez, o radiojornalismo multiplataforma cresce em protagonismo no novo ambiente midiático, justamente por ser “um meio de comunicação expandido”, conforme o professor e pesquisador do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Marcelo Kischinhevsky (2016), ao afirmar que o meio “extrapola as transmissões em ondas hertzianas, e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música” (KISCHINHEVSKY, 2016, p.13).

Nesse novo ambiente midiático, o rádio tem se mostrado ágil na associação com mídias sociais, diretórios e portais, em vez de tentar construir estruturas próprias, caras e sem garantia de adesão dos ouvintes. Assim, potencializa a circulação de seus conteúdos e explora sua maior vantagem competitiva diante da TV e da imprensa: a comunicação de base sonora, que permite a realização de outras atividades simultâneas à escuta (KISCHINHEVSKY, 2016, p.16).

Mas embora o conceito de rádio expandido já seja aceito e disseminado na academia hoje, muitos importantes pesquisadores do meio fizeram duras críticas ao modelo no início dos anos dois mil, como Prata (2009) e Meditsch (2007). Hoje, a academia já se rendeu à nova configuração do rádio, conforme o verbete da Enciclopédia INTERCOM de Comunicação, que aceita “o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma de fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independente do suporte tecnológico ao qual está vinculada” (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p.1010).

Para o pesquisador português Pedro Portela (2006), o atual momento pelo qual passa o rádio “exige uma resposta criativa ao enorme desafio colocado pela internet e pela convergência entre os diversos meios, naquela que é a maior transformação tecnológica sofrida pelo meio desde a introdução da Frequência Modulada, nos anos 60” (PORTELA, 2006, p. 50). Atualmente, os meios de comunicação têm depositado seu foco no usuário, pois estes têm consumido mais informação em menos tempo, em horários distintos dos veículos tradicionais. O desafio, portanto, é “manter o público

informado, disponibilizando notícias de todas as formas para alcançar o maior número de pessoas possível” (WHEELER, apud QUINN, 2009, p.08).

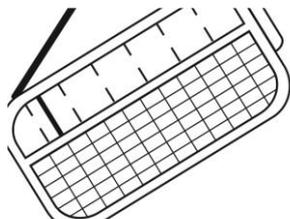
De acordo com o jornalista Kerry Northrup (apud QUINN, 2009, p.18), “a convergência oferece ao público novas formas de absorver notícias, em vez de oferecer aos jornalistas novas formas de apresentá-lo”. Conforme o relatório “Generations 2010” do Pew Research Center, de 2010, as plataformas digitais estão adquirindo um papel importante no consumo, mais do que as quedas na audiência dos meios tradicionais (ZICKUHR, 2010).

A metodologia proposta para a pesquisa utilizou como base o método da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1992), com uma ação colaborativa entre os atores do processo, no caso professores, técnicos e alunos. Assim, foi possível apresentar as ferramentas digitais disponíveis e de fácil acesso aos alunos, com posterior uso dos mesmos para a construção de matérias jornalísticas em multiplataformas. Sendo assim, a proposta deste estudo se enquadra na perspectiva da pesquisa-ação, pois:

Os temas e problemas metodológicos aqui apresentados são limitados ao contexto da pesquisa com base empírica, isto é, pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas. (THIOLLENT, 1992, p. 11)

Diante do problema desta pesquisa, este estudo recupera o debate proposto pelo pesquisador e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Luís Maranhão Filho, sobre a integração entre o aprendizado do rádio em sala de aula e a sua extensão como produto possível de ser transmitido pelas rádios universitárias:

A contribuição que pretendemos oferecer na análise de um segmento que deveria ser identificado como RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS, tem por objetivo básico, apresentar referenciais concretos que podem demonstrar a possibilidade de construção de um perfil para esses prefixos. Esses pontos identificáveis têm uma vinculação estreita com o próprio Ensino da Comunicação Social, embora o fenômeno seja anterior ao currículo. (MARANHÃO FILHO, 1996)



Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

A discussão em torno da aplicabilidade do material produzido em sala de aula, ou melhor, no Laboratório de Radiojornalismo, já é uma realidade na Universidade de São Paulo. A Rádio USP FM 93,7 transmite a maioria dos programas produzidos pelos estudantes de jornalismo há mais de dez anos, revelando uma realidade semelhante aos já tradicionais jornais-laboratório (LOPES, 1989).

O artigo está dividido em três partes, com a primeira sendo destinada à atual constituição do ensino do radiojornalismo na Universidade de São Paulo, a segunda à descrição da atividade didática e a terceira com a análise dos resultados.

Ensino do Radiojornalismo na USP

O ensino do radiojornalismo na Universidade de São Paulo³ [3] está dividido em três etapas, com aulas introdutórias em jornalismo audiovisual por meio da disciplina *CJE 0600 - Jornalismo no Rádio e na TV*, ministrada pela professor Luiz Fernando Santoro, logo nos primeiros anos (primeiro semestre para o período noturno e segundo semestre para o curso diurno) e com disciplinas específicas logo após a metade do curso, com a disciplina *CJE 0603 - Radiojornalismo* (para o quinto semestre no diurno e sexto no noturno) e *CJE 0532 - Projetos em Rádio* (sexto semestre no diurno e sétimo no noturno), logo na sequência.

A disciplina introdutória *CJE 0600 - Jornalismo no Rádio e na TV* visa conduzir os alunos a experimentação e à iniciação ao uso das tecnologias em audiovisual, assim os alunos começam a montar programas dentro do estúdio de rádio. O interessante no curso de jornalismo da USP é que os alunos trabalham diretamente com a tecnologia disponível, como a mesa de som, os softwares e demais equipamentos. Os técnicos e os docentes responsáveis no manuseio dos equipamentos, deixando-os livres para

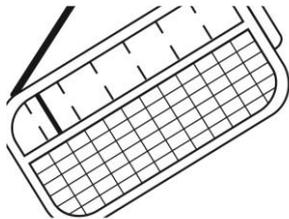
³ <http://www.usp.br/cje/index.php/jornalismo/> Acesso em 11 de março de 2018.

desenvolverem as suas habilidades, conforme explica o professor e pesquisador Luiz Fernando Santoro:

A aula inicial parte da constatação de que os alunos não escutam programas jornalísticos no rádio ou na TV. Diante disso, para que tenhamos um repertório comum nas aulas, solicito que, logo para a segunda aula, façam a decupagem (transcrição) de 4 ou 5 minutos de um radiojornal de qualquer emissora, mas de preferência de um tipo all news. Essa é a primeira "lição de casa". Para tanto, explico o formato de script e o procedimento para a transcrição, valorizando a notação do texto e dos recursos técnicos. Na aula seguinte (segunda aula), os alunos apresentam a decupagem impressa e me entregam. Esse exercício é um dos elementos para avaliação que utilizo. A partir da segunda aula, extraio dos comentários verbais que eles farão sobre o texto e recursos radiofônicos, chegando assim às características da redação jornalística para rádio e TV (frases curtas, tempos verbais, ordem direta, pontuação etc.). Além disso, explico a importância do profissional possuir um amplo repertório na área de comunicação: só faremos um bom programa jornalístico se ouvirmos e assistirmos todos os tipos de programas similares das emissoras comerciais, públicas e alternativas. Afinal, o processo de criação se dá a partir da reorganização daquilo que já conhecemos. Em seguida, eles começam a pensar no primeiro exercício de gravação em rádio: trabalho em equipe, onde eles gravam no estúdio de rádio e editam nos softwares de edição de áudio, em geral em seus próprios computadores, em casa. Mostro muitos exemplos de programas de emissoras e dos alunos dos semestres anteriores. (SANTORO, 2018)

Já a disciplina *CJE 0603 – Radiojornalismo* tem como base o ensino dos principais conceitos em radiojornalismo, como a história, a teoria (autores e conceitos), a linguagem, a estrutura, os gêneros, entre outros que sustentarão as atividades finais, que são destinadas à montagem dos primeiros radiojornais (FERRARETTO, 2001, 246-249), sendo o primeiro com ênfase opinativa e o posterior com planejamento editorial voltado ao conteúdo informativo.

No primeiro momento, os alunos aprendem a utilizar os recursos sonoros, com base nos estudos anteriores sobre a linguagem radiofônica (BALSEBRE, 1994). Assim, o jornalismo opinativo começa a ser trabalhado por meio da produção de crônicas, resenhas, comentário, entre outros. Da mesma forma, são produzidos radiojornais, com a participação de colaboradores comentando as matérias dos alunos.



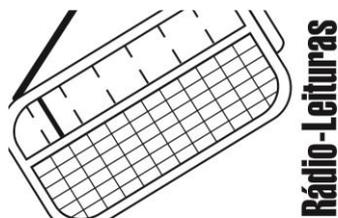
Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

O segundo radiojornal é voltado à produção de radioreportagens, com os alunos buscando a captação de sons externos, ou seja, a matéria necessita de uma inserção in loco, com posterior edição para o programa. Neste momento, os universitários entram em contato com os possíveis entrevistados, geralmente personagens das matérias ou especialistas nos temas escolhidos. Durante a produção do segundo radiojornal, os próprios alunos comentam as radioreportagens, criando uma interação com os locutores e os convidados, além do esclarecimento das pautas das matérias aos ouvintes.

Os alunos possuem uma liberdade editorial no primeiro programa (opinativo), com o trabalho sendo inverso no segundo radiojornal (informativo). Neste a linha editorial é pré-definida anteriormente, com os alunos saindo a campo já pautados. Em ambos os programas, a classe é dividida em 4 (quatro) grupos, que são responsáveis pela produção dos programas. As funções da equipe são a de coordenador, produtor, locutor, redator (roteirista), repórteres e editor, sendo as funções acumuladas ou mesmo extintas, conforme o tamanho da sala. Os programas possuem de 28 a 30 minutos de duração e, caso o programa ultrapasse uma hora de gravação, o mesmo é dividido em duas partes.

A mesma estrutura para a organização das equipes é mantida no semestre seguinte, quando a disciplina *CJE 0532 - Projetos em Rádio* é oferecida na grade do curso. Agora, os alunos trabalham conteúdos mais específicos e difíceis, como os programas de entrevistas (debate ou mesa-redonda), especiais e outros formatos, como documentários, radiorevistas, temáticos, especializados etc. (BARBOSA FILHO, 2003) Durante o semestre, são produzidos três programas por equipe em três formatos diferentes. No total, são 12 programas por semestre, que podem aumentar, caso a gravação ultrapasse em uma hora ou mais. Ou seja, um programa poderá ser dividido em três partes de 30 minutos para cada edição.



Todos os programas são transmitidos pela Rádio USP 93.7⁴, sempre aos domingos, às 11 horas, com transmissão simultânea pela internet. Os arquivos também ficam disponíveis no repositório do programa, onde o ouvinte também encontra as informações básicas do Universidade 93,7⁵, nome escolhido pelo alunos desde 2008, data de início das transmissões periódicas ao programa. Alguns arquivos (foto, vídeo e texto), além de informações e datas das transmissões ficam disponibilizados na página do *facebook*⁶.

Experiência em Radiojornalismo Mutiplataforma na USP

A reportagem feita com o celular é fundamental se for ágil e direto do palco de ação, no calor dos acontecimentos, mas, para isso, é preciso saber tirar proveito da tecnologia, captando os áudios e as imagens (foto e vídeo) com qualidade. Em alguns incidentes, como catástrofes naturais (ex. Caso de Mariana-MG) e tragédias (como a Boate Kiss e os atentados de Paris) cada segundo conta e, assim, a reportagem em tempo real se faz necessária. Matérias completas, com vídeos e análises vêm depois. Em tempo real, tudo necessita ser rápido, imediato, sem deixar de ser preciso, facilitando a compreensão da pauta, por meio de atualizações fáceis de acessar.

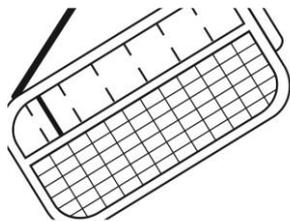
Diante desse novo cenário midiático, no dia 26 de outubro de 2017, foi ministrado o *Workshop Radioreportagem & Multiplataformas*⁷, para alunos da graduação da disciplina *CJE 0603 – Radiojornalismo*, visando apresentar um modelo de reportagem mobile, ou seja, realizada com um celular *smartphone*, integrando as diversas linguagens em um só aparelho.

⁴ <http://jornal.usp.br/radio/> Acesso em 11 de março de 2018

⁵ <http://usp.br/cje/radiojornalismo/> Acesso em 11 de março de 2018.

⁶ <https://www.facebook.com/programauniversidade937/> Acesso em 11 de março de 2018.

⁷ A atividade foi ministrada por Janine Marques Passini Lucht como parte do Pós-doutorado Radiojornalismo Multiplataformas: os desafios do meio em tempos de convergência, realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, entre abril de 2017 e julho de 2018.



Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

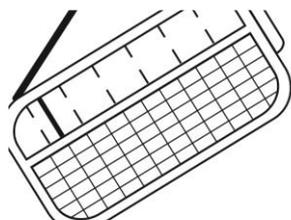
Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

Após breve explanação sobre os desafios e as vantagens da reportagem feita com celular, a responsável conectou o celular ao telão utilizando um cabo *HDMI* e demonstrou o uso e a finalidade de diversos aplicativos, tais como *Videolicious*, *Snapseed*, *FilmicClassic* e *Teleprompter*. Vale aqui ressaltar que os estudantes desconheciam os referidos aplicativos, embora sejam bastante utilizados no exterior, principalmente nos Estados Unidos da América. Mas apesar do desconhecimento, os estudantes mostraram-se bastante interessados na dinâmica apresentada e, ainda, ao serem desafiados a colocar em prática o que haviam aprendido, surpreenderam ao propor pautas de denúncia e descaso das autoridades no campus, sempre com muita criatividade na abordagem.

Como se sabe, a reportagem móvel requer uma agilidade mais intensa que os veículos tradicionais, sem deixar de lado a qualidade da imagem e do áudio, além de necessitar uma edição rápida e o compartilhamento imediato. Desta forma, a turma foi dividida em duplas ou trios. Cada grupo teve cerca de 40 minutos para pesquisar uma pauta, captar imagens, realizar entrevistas, gravar boletins (se fosse o caso) e editar o material.

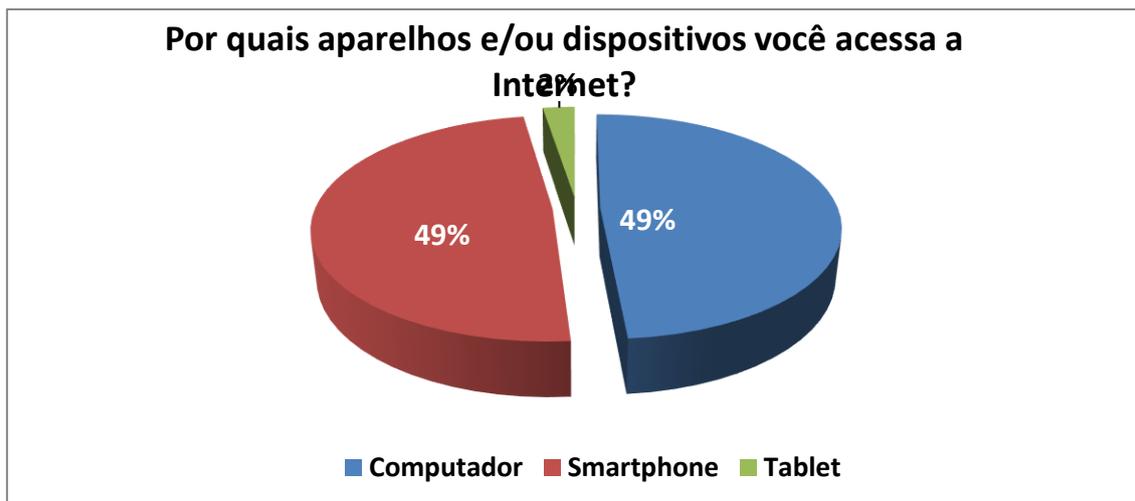
A pesquisa: os hábitos de consumo de mídia entre os estudantes de radiojornalismo

Antes do início da aula, os alunos foram convidados a responder a um questionário sobre o tema reportagem mobile, contendo onze perguntas de múltipla escolha e cinco descritivas. Ao todo, tivemos 19 respondentes, sendo 12 mulheres, seis homens e um sem identificação de gênero. Na amostra, 67% têm entre 19 e 21 anos, 27% têm entre 22 e 29 anos e apenas 6% possui mais de 30 anos. Cerca de 84% dos alunos indicaram que fazem estágio. As áreas mais citadas para a realização das atividades foram: sites (44%), assessorias de comunicação (31,5%), revista (12,5%), emissora de rádio (6,25%) e e-commerce (6,25%).



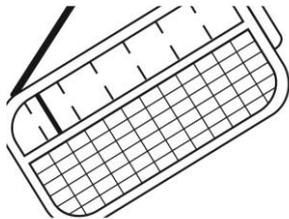
Do universo de respondentes, apenas uma pessoa declarou não possuir um aparelho celular. Das que possuem o dispositivo, 61% utilizam o sistema Android e 39%, o IOS.

Figura 1 – Formas de acesso à Internet.



Fonte: os autores, 2018.

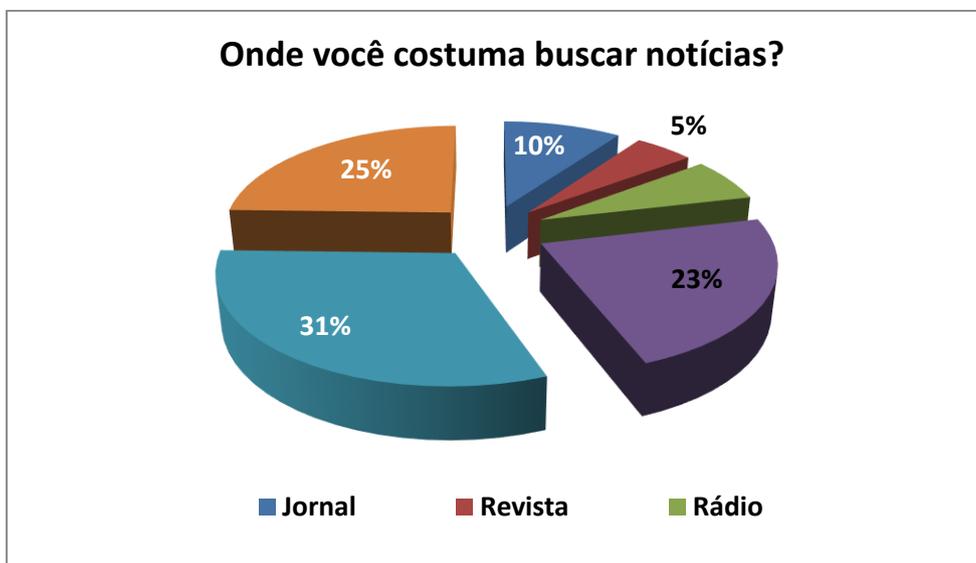
Com relação ao consumo de notícias, a internet e as redes sociais aparecem nas primeiras posições, seguidos de perto pela TV. O jornal, o rádio e as revistas foram citados em ordem decrescente.



Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

Figura 2 – Consumo de notícias nos diversos meios.

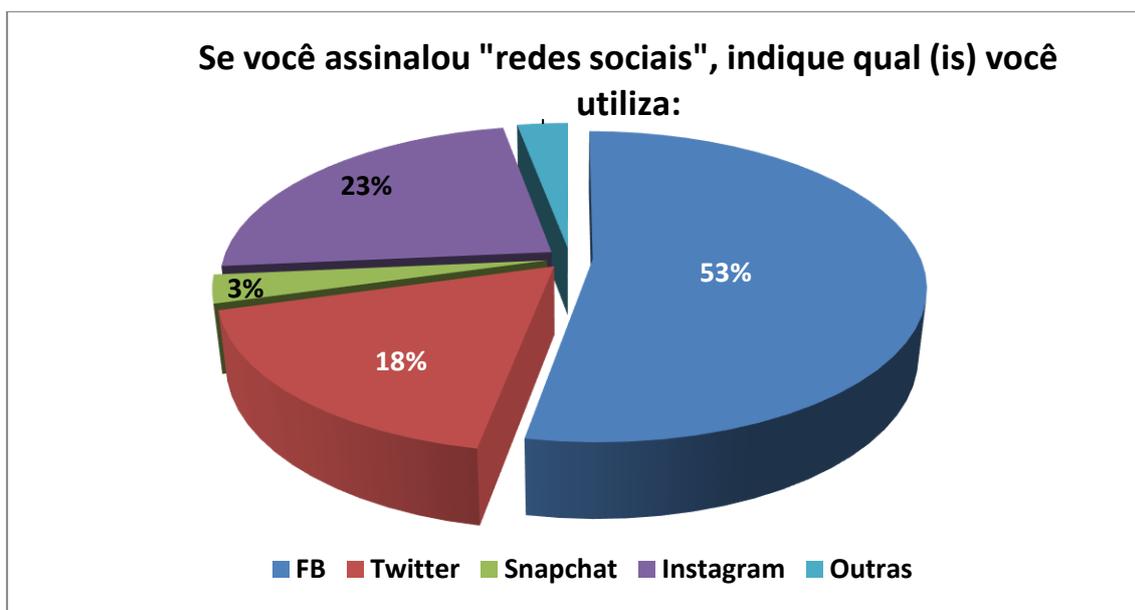


Fonte: os autores, 2018.

Quanto às redes sociais, o *Facebook* ainda é o mais citado, com 18 marcações. O *Instagram* aparece em segundo, seguido do *Twitter*, com seis marcações. Por fim, o *Snapchat* teve apenas um voto.

39

Figura 3 – Redes sociais mais utilizadas.



Fonte: os autores, 2018.

Já sobre o tempo dedicado na busca por informações, a maioria dos respondentes, ou 53%, afirmam despende de uma a três horas por dia para se informar. Aqueles que ficam até uma hora informando-se correspondem a 37% e os que afirmam despende entre três e cinco horas, somam 10%.

Figura 4 – Tempo dispendido por dia no consumo de informação.

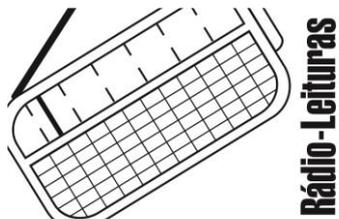


Fonte: os autores, 2018.

Quando questionados sobre qual o tipo de aparelho e/ou dispositivos eles acessam a internet, a totalidade dos respondentes assinalou tanto o computador, quanto os *smartphones*. Apenas uma pessoa marcou a opção *tablet*.

Outra unanimidade apareceu em relação à edição de matérias radiojornalísticas utilizando softwares de edição de áudio. Ou seja, 100% dos estudantes afirmam já ter aprendido a utilizar algum tipo de software para esta finalidade. O mais citado foi o Audacity, que é gratuito, seguido pelo *Adobe Audition* e *SoundForge*. *Wavelab*, *Sony Vegas* e *Adobe Premiere* foram citados apenas uma vez cada. Aqui, vale ressaltar, que tanto o *Premiere* quanto o *Sony Vegas* são destinados à edição de vídeo.

Por fim, apenas um aluno afirmou utilizar algum aplicativo para celular que faça edição multiplataforma e citou o *Adobe Spark* como a ferramenta escolhida.



Considerações finais

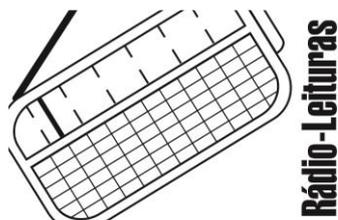
Este artigo teve como objetivo relatar a experiência didática em radiojornalismo multiplataforma desenvolvida por meio de uma atividade integrada entre o ensino e a pesquisa, que foi aplicada junto aos alunos do curso de graduação em jornalismo da Universidade de São Paulo. O exercício – que foi parte das atividades desenvolvidas em uma pesquisa de pós-doutorado na USP - possibilitou a utilização de ferramentas digitais além do áudio gravado, como inserções de imagens e textos ou mesmo de edições e transmissões ao vivo.

Dentre os objetivos da pesquisa, havia a intenção de aproximar o mercado da academia, auxiliando os alunos da referida instituição pública na utilização das novas tecnologias, bem como detectar o potencial e o conhecimento deles diante das plataformas digitais. Por meio da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1992), os pesquisadores puderam refletir sobre suas próprias ações, além de mobilizar os participantes na construção de novos saberes, de forma colaborativa.

Os resultados da pesquisa realizada com os alunos da disciplina *CJE 0603 – Radiojornalismo* do curso de jornalismo oferecido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo sobre os desafios do jornalista multiplataforma, ressaltaram a sobrecarga dos profissionais como um obstáculo para a utilização das multiplataformas no contexto da comunicação.

Embora reconheçam que “ser plural é uma tendência para o mercado”, muitos dos universitários acreditam que “há um retrabalho” na divulgação das mesmas notícias em diversos meios (plataformas). Todavia, alguns estudantes defendem que o jornalismo multiplataforma “amplia as possibilidades do fazer jornalístico” e, ao promover mudanças culturais, “estimula os profissionais a crescerem”.

A análise das respostas dos estudantes demonstra que o meio rádio está passando por uma grande transformação, com a chegada das novas tecnologias. Curiosamente, tem sido o veículo que mais está se adaptando ao desafio de integrar



múltiplas linguagens em um só lugar. Os universitários que já nasceram “digitais” têm, portanto, mais facilidade para se adaptar às atividades propostas. Contudo, ainda revelam dificuldades em integrar as novas tecnologias com a rotina de produção jornalística, quando observam as novas tecnologias como um problema a mais a ser administrado no cotidiano das redações jornalísticas.

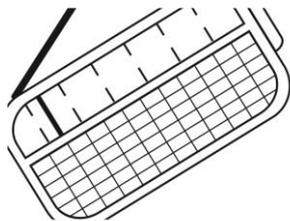
Durante a atividade, observou-se ainda que os estudantes tiveram facilidade na compreensão dos assuntos propostos, demonstrando comprometimento com as tarefas, inclusive propondo pautas complexas e factíveis, apesar do curto espaço de tempo destinado (apenas 3 horas/aula).

As novidades, como as que ocorrem em multiplataformas, são uma constante no jornalismo, sendo privilégio daqueles que têm acesso à determinada ferramenta. Para diminuir a distância, existe a necessidade de uma aproximação entre os acadêmicos e profissionais, facilitando o trabalho de ambos tanto na aplicação da tecnologia quanto na formação dos profissionais.

Os resultados desta pesquisa aplicada reforçam que a universidade - especialmente, numa instituição pública, como é o caso da USP - é o espaço para a experimentação, desde que esteja lado a lado com as inovações e a necessidade da sociedade.

A atual realidade do radiojornalismo multiplataforma precisa ser pensada, primeiramente, como uma inserção ao universo tecnológico. Todavia, em nada valerá esse conhecimento se não existirem propostas de aplicação ao cotidiano. Ou seja, as ferramentas somente serão estabelecidas quando úteis à sociedade. O ensino do jornalismo contemporâneo, como observado neste estudo aplicado junto aos estudantes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, permitiu o acesso a meios antes desconhecidos, mas também demonstrou que a responsabilidade do jornalista perante o público é ainda maior. Parafraseando Marshall McLuhan (1969), a pergunta que fica é: se o jornalista já conhece os meios, então quais mensagens serão transmitidas?

Luiz Maranhão Filho e Marshall McLuhan, e, atualmente, Marcelo Kischinhevsky revelam uma expansão dos meios, fato exemplificado neste artigo pela utilização de



Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

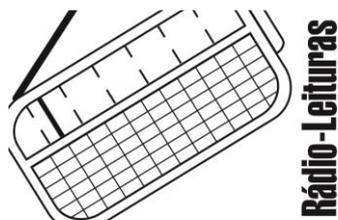
aparelhos móveis, como o celular e/ou smartphone, na experiência realizada na USP. Esse aspecto demonstra que, no caso do radiojornalismo multiplataforma, a base continua sendo o áudio, mas multiplicado em diversas vertentes, particularmente o vídeo e o texto. A preocupação é se esses aparelhos serão mesmo uma ferramenta útil aos jornalistas na busca de pautas que realmente interessem e sejam de relevância ao público.

O ensino do radiojornalismo precisa aliar forma e conteúdo, com o futuro profissional descobrindo como e por que determinada notícia precisa ser de conhecimento público. Sem essa premissa, em nada valerão as transmissões ao vivo, como as proporcionadas pelas câmeras de vídeo inseridas nos estúdios das emissoras, as reportagens multimídia realizadas in loco pelos repórteres; ou mesmo os broadcasting e mensagens de texto complementares.

A atual realidade brasileira necessita de discussões que integrem as pautas e, assim, possibilitem uma ampliação do conhecimento do público. O radiojornalismo multiplataforma não só permite a interatividade e os compartilhamentos, mas também proporciona analisar aspectos culturais, políticos e econômicos em toda e qualquer notícia.

Independentemente do local ou meio de transmissão, o radiojornalismo multiplataforma é uma ferramenta indispensável para o comunicador intensificar os debates em emissoras de rádio. Esses programas permitem análises reveladoras que caracterizem também aspectos culturais, políticos e econômicos. Com isso, pautas como a saúde, a educação, a segurança e o emprego poderão ser discutidas por públicos variados, dos especialistas aos ouvintes.

O jornalista continua como o mediador a fomentar as pautas e os programas, sendo agora também responsável por escolher os melhores e mais acessíveis meios de comunicação. Logo, o planejamento das multiplataformas já é uma realidade nas coberturas radiojornalísticas. Essa experiência realizada na Universidade de São Paulo é um exemplo de que os alunos (e futuros profissionais) têm facilidade com as tecnologias, precisando apenas de um ajuste entre o virtual e o real. Assim, haverá uma multiplicação



de programas radiojornalísticos nas emissoras tradicionais ou mesmo nos meios alternativos, como os *broadcasting*, e, por conseguinte, novas vagas de emprego surgirão, especialmente para os jornalistas formados na chamada Era Digital. Todavia, o mais importante nessa nova ordem radiofônica é que as notícias continuem a contribuir para a manutenção de uma sociedade justa e democrática.

Referências bibliográficas:

BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofônica**. Madri: Cátedra, 1994.

BARBOSA F., André. **Gêneros radiofônicos**: Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

FERRARETTO, L. A. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 2ª Edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

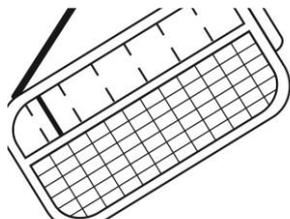
FERRARETTO, L. A.; KISCHINHEVSKY, M. Rádio (verbete). In: MARQUES DE MELO, J. (org.). **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação** - Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional. V. 1. São Paulo: Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares da Comunicação, p.1009-1010, 2010.

FOLTS, J. A.; LOVELL, R. P.; ZWAHLEN JR, F. C. **Manual de Fotografia**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

HAUSMAN, C.; MESSERE, F; O'DONNELL, L.; BENOIT, P. **Rádio**: Produção, programação e performance. São Paulo: Cengage learning, 2010.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias Sonoras**. Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MCLEISH, R. **Produção de Rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.



Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

LOPES, D. F. *Jornal-laboratório – do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. 2ª Edição. São Paulo: Summus Editorial, 1989

MACLUHAN, M. O meio é a mensagem. IN **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969, pp 21-37.

MARANHÃO FILHO, L. **Rádios universitárias**: escola ou passatempo? Recife: Jangada, 1996. Disponível em: <http://www.geocities.ws/py3idr/radiocom/radio/universitarias.html> Acesso em 05 de setembro de 2018.

MEDITSH, E. **O rádio na era da informação**. Florianópolis: Insular, 2007.

ONNELLY, D. W. **Digital Radio Production**. Long Grove, Illinois: Waveland Press Inc., 2012.

PALACIN, V. **Fotografia**: teoria e prática. São Paulo: Saraiva, 2012.

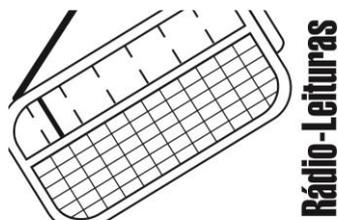
PORTELA, P. J. E. F. F. **Rádio na Internet em Portugal**: a abertura à participação num meio de mudança. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Portugal: 2006.

PRATA, N. **WEBrádio**. Novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis, Insular, 2009.

QUINN, S. **Convergent Journalism**. The fundamentals of multimedia reporting. New York: Peter Lang Publishing, 2009.

SALAVERRIA, R. **Multimedialidade**: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, J. (Org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã, UBI, LabCom, 2014.

SITES, K. **In the hot zone**. One man, one year, twenty wars. NYC: Harper Perennial Publishers, 2007.



Vol 9, Num 02
Edição Julho – Dezembro 2018
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

WATTS, H. **Direção de câmera**. Um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Summus, 1999.

ZICKUHR, K. (web coordinator). **Generations 2010**. Pew Research Center. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/2010/12/16/generations-2010/> Acesso em: 14/10/2017.

Links

CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/index.php/jornalismo/>

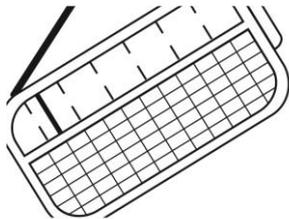
RÁDIO USP. Disponível em: <http://jornal.usp.br/radio/>

PROGRAMA UNIVERSIDADE 93,7. Disponível em: <http://usp.br/cje/radiojornalismo/>

PROGRAMA UNIVERSIDADE 93,7 – FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/programauniversidade937/>

DEPOIMENTO

SANTORO, Luiz Fernando. Depoimento dado a Luciano Victor Barros Maluly. Via e-mail lumaluly@usp.br em 11 de março de 2018, às 14h53.



Experiência didática em radiojornalismo multiplataforma na USP

Luciano Victor Barros Maluly e Janine Marques Passini Lucht

Abstract

This article aims to report the didactic experience in multiplatform radiojournalism developed through an integrated activity between teaching and research, which was applied to students of the undergraduate journalism course at the University of São Paulo. The exercise enabled the use of digital tools in addition to recorded audio, such as image and text insertions or even live edits and broadcasts. Among the objectives of the research was the intention to bring the market closer to the academy, helping students to use the new technologies, as well as to detect their potential and knowledge in front of the digital platforms. Through action research (THIOLLENT, 1992), the researchers were able to reflect on their own actions, in addition to mobilizing the participants in the construction of new knowledge, in a collaborative way.

Keywords: Digital communication. New technologies. Multi-platform radiojournalism.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo relatar la experiencia didáctica en radio-periodismo multiplataforma desarrollada por medio de una actividad integrada entre la enseñanza y la investigación, que fue aplicada junto a los alumnos del curso de graduación en periodismo de la Universidad de São Paulo. El ejercicio posibilitó la utilización de herramientas digitales además del audio grabado, como inserciones de imágenes y textos o incluso de ediciones y transmisiones en vivo. Entre los objetivos de la investigación, había la intención de aproximar el mercado de la academia, ayudando a los alumnos en la utilización de las nuevas tecnologías, así como de detectar el potencial y el conocimiento de ellos ante las plataformas digitales. Por medio de la investigación-acción (THIOLLENT, 1992), los investigadores pudieron reflexionar sobre sus propias acciones, además de movilizar a los participantes en la construcción de nuevos saberes, de forma colaborativa.

Palabras Clave: Comunicación digital. Nuevas tecnologías. Radio-periodismo multiplataforma.